

COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

A PEQUENA PRINCESA

Frances H. Burnett

Adaptado de Isabel Vieira

 EDITORA
RIEDEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

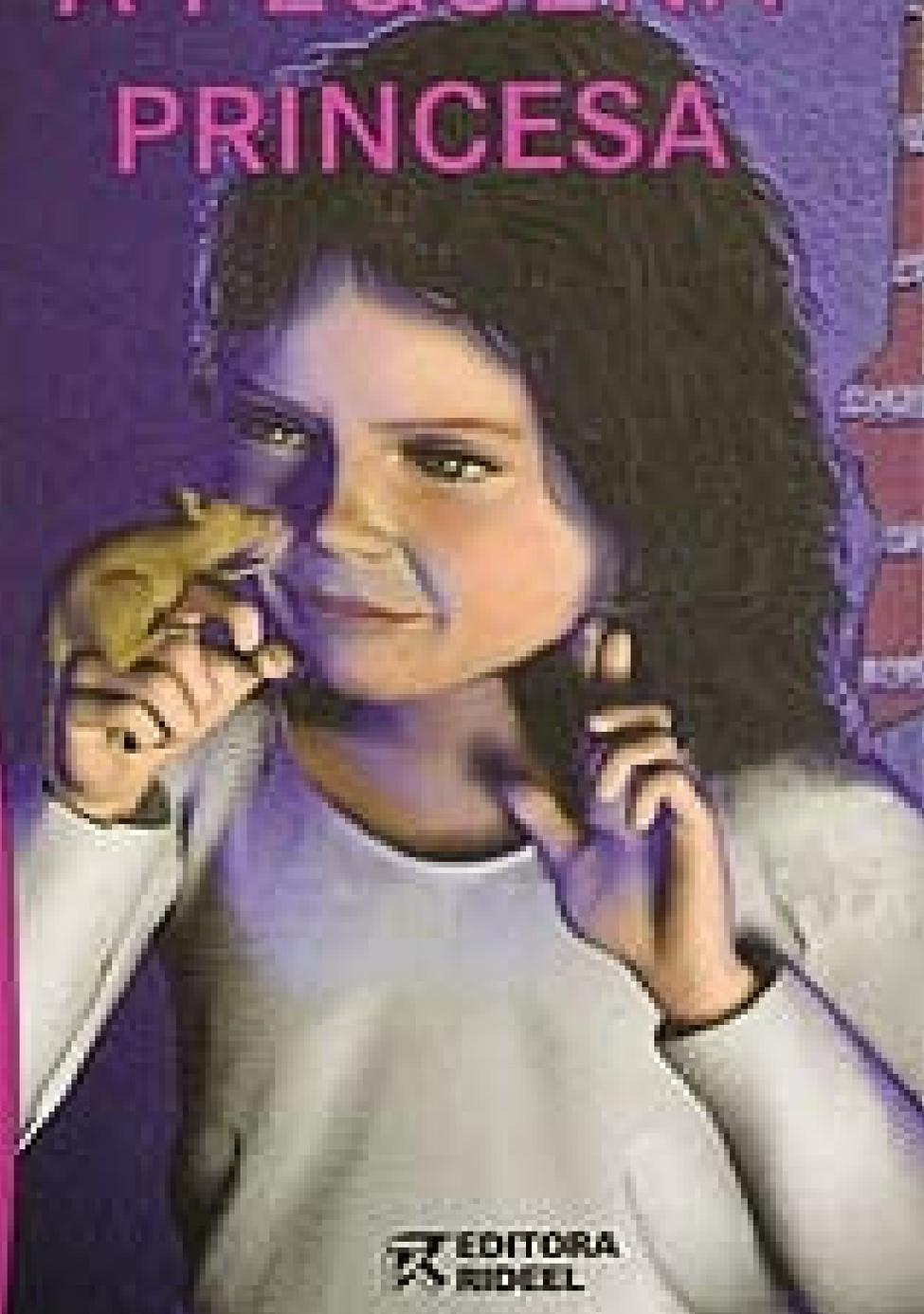
COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

A PEQUENA PRINCESA

Frances H. Burnett

Adaptação de Isabel Vieira

 EDITORA
RIDEL



Coleção Aventuras Grandiosas

Frances H. Burnett

A PEQUENA PRINCESA



Adaptação de Isabel Vieira

1ª edição

1. Chegada ao colégio interno

Num escuro dia de inverno, uma carruagem atravessou lentamente as ruas de Londres, cobertas por intenso nevoeiro. Dentro dela ia uma menina de olhar sério, apoiada no ombro do pai, o capitão Crewe. Embora aparentasse doze anos, Sara tinha apenas sete. Ela adorava imaginar coisas sobre pessoas e lugares.

Naquela hora, relembrava as cenas da viagem que acabava de fazer de Bombaim, na Índia, onde tinha sido criada, até Londres.

Sara podia ver o grande navio onde circulavam empregados hindus, os lascars, usando turbantes brancos. Crianças brincando no tombadilho sob os olhares atentos das mães, esposas dos oficiais, com quem Sara tinha se dado muito bem. Parecia-lhe impossível em tão pouco tempo deixar o calor escaldante da Índia, atravessar o oceano e estar agora na gelada Inglaterra.

— É aqui, filha. Chegamos — disse o pai, com tristeza na voz.

A carruagem parou em frente a uma casa com a fachada de tijolos, igual às outras da rua, não fosse pela placa de cobre pendurada na porta de entrada, onde se lia: “Miss Minchin — Internato para meninas”.

— Então é este “o lugar”, papai?

Desde pequena, Sara sabia que um dia viria para “o lugar”. Era hábito dos ingleses que viviam na Índia mandar os filhos para estudar em colégios internos na Inglaterra. No seu rico ambiente, a menina convivera com várias crianças que também haviam partido. Sara era órfã de mãe, mas recebera todo o amor de seu pai, que a adorava. Fora criada numa ótima casa, mimada pelos lascars e por uma babá indiana, cercada de lindos brinquedos e usando as mais belas roupas que uma menina pudesse desejar. A única preocupação de sua infância era a certeza de que um dia teria de separar-se do pai.

— Bem, já que chegamos, só nos resta entrar... — disse, conformada.

O capitão Crewe riu do comentário adulto da filha, tentando esconder a dor que também sentia pela separação. Como iria viver longe da sua princesa?

Abraçou-a fortemente, tocou a campainha e entraram. Miss Minchin, uma mulher alta e feia, recebeu-os numa saleta mobiliada com móveis pesados, de aspecto tão sóbrio e triste quanto sua figura.

— Será um privilégio cuidar da educação de sua belíssima filha, capitão Crewe! — derreteu-se a dona do internato. — Soube que, além disso, ela é inteligente. Meninas como a sua são preciosidades para esta escola!

O tom de bajulação chamou a atenção de Sara, que antipatizou com a mulher assim que a viu. Achou que a lisonja era apenas para agradar seu pai, pois nem se julgava bonita. O tempo mostraria que estava certa sobre o caráter de Miss Minchin, mas, quanto à sua aparência, a menina não tinha sido justa.

Sara possuía um rosto expressivo, que lhe dava um encanto especial. Era alta e elegante, com cabelos negros ondulados e olhos cinza-esverdeados, valorizados por longos cílios. Atenta à conversa do pai com Miss Minchin, ela soube que teria um tratamento diferenciado. O capitão mandou que lhe dessem um quarto e uma salinha exclusivos e que atendessem a todos os seus pedidos.

— Só peço que não a deixem estudar demais nem ler em excesso, Miss Minchin — recomendou. — Sara vive enfiada nos livros. Se achar que ela está exagerando, faça-a passear no parque, brincar, comprar uma boneca nova...

— Mas pai, não precisarei de outra boneca além da Emily!

— Quem é Emily? — quis saber Miss Minchin.

— É uma boneca que ainda não tenho — Sara explicou. — Vamos procura-la nas lojas. Será minha amiga quando papai partir. Conversarei com Emily sempre que sentir saudades dele e será como se ele continuasse comigo.

O sorriso gelado da dona do internato se alargou mais ainda:

— Que criaturinha adorável! Que criança mais original!

Antes de voltar para a Índia, o capitão ficou alguns dias num hotel com a filha e comprou-lhe um riquíssimo guarda-roupa:

vestidos de veludo, casacos com arminho, luvas de todos os tipos, chapéus com plumas, roupas de baixo de renda. Sara pesquisou muito em busca de Emily. Até que a encontrou:

— Veja, papai, aquela é Emily! — disse, apontando a vitrine de uma das lojas menos luxuosas onde estiveram. — Eu a reconheci assim que a vi!

A boneca era enorme, mas podia ser facilmente carregada. Tinha cachos dourados e olhos azuis. Pai e filha a compraram e foram a um ateliê de roupas infantis sob medida, onde encomendaram para ela um guarda-roupa idêntico ao de Sara. Até o dono do ateliê se surpreendeu. Na véspera de sua partida, o capitão observou a menina dormindo abraçada à boneca e disse para si mesmo:

— Minha princesinha, não sabe a falta que fará ao papai!...

No dia seguinte, levou Sara ao colégio e deu a Miss Minchin o endereço de seus advogados, encarregados de pagar as despesas da filha. Ao despedir-se dele em seus lindos aposentos, a menina olhou-o terna e longamente.

— Que foi, filha? Está querendo me aprender de cor?

— Não, pai. Eu já conheço você de cor. Você mora no meu coração.

Abraçaram-se com força, como se nenhum quisesse separar-se do outro.

Pela janela, Sara viu a carruagem do capitão dobrar a esquina e não saiu mais do quarto naquela noite. Miss Amélia, irmã e auxiliar da diretora, que havia desfeito as malas da menina, saiu pelos corredores comentando:

— Quanto luxo! É a garota mais cheia de vontades que já vi!

Na manhã seguinte, quando Sara entrou na classe, as colegas a olharam com curiosidade. Todas as alunas, desde Lavínia, a mais velha, de treze anos, até Lottie, a caçula, de cinco, já sabiam que a novata era riquíssima e que Miss Minchin a bajulava por causa do seu dinheiro.

— Olhe as meias de seda que ela usa! — cochichou Jessie.

— Dizem que só trouxe roupas de luxo! — exclamou Lavínia.

— E tantos brinquedos, que não cabem no quarto! — disse Lottie.

Alheia aos comentários, Sara sentou-se no lugar que a diretora indicou, pensando em Emily. Tinha deixado um livro aberto nas mãos da boneca, pois acreditava que os brinquedos possuíam vida própria. Assim, Emily poderia divertir-se na sua ausência. Logo Miss Minchin a chamou:

— Sara, creio que seu pai deseja que aprenda francês — disse, autoritária, sem dar chance à menina de replicar. — Nunca estudou francês, não é?

Temendo ser indelicada, Sara apenas balbuciou:

— Nunca tive aulas, porém...

— Pois começará a ter agora mesmo! Trate de pegar o livro e estudar! O professor, senhor Dufarge, está chegando. Parece que a idéia não lhe agrada...

— Ao contrário, senhora. Agrada-me muito, mas...

— Não tem “mas” nem “meio mas”. Faça o que eu mando!

Quando o professor chegou, Sara levantou-se educadamente e explicou a situação. Embora não tivesse tido aulas, falava o francês muito bem, pois sua mãe era francesa e, em memória dela, o pai usava esse idioma em casa. Só que Sara disse isso... em francês! A classe ficou perplexa. O professor também.

— Miss Minchin, creio que não tenho nada a ensinar-lhe — Dufarge dirigiu-se à diretora. — Sua pronúncia é tão perfeita como a de uma francesa.

Mortificada, Miss Minchin bateu na mesa, tentando conter a classe.

— Silêncio, meninas! Sara, você devia ter me contado isso antes!

Desde esse dia, começaria uma relação difícil entre Sara e a diretora.

2. Amizades no internato

A primeira colega que atraiu a simpatia de Sara foi Ermengarda. Era gordinha e trazia os cabelos esticados numa única trança, que ela puxava sem parar, — com visível nervosismo. Sara reparou que ela a olhara com absoluto espanto durante o incidente na aula de francês.

E não era para menos! A pobre Ermengarda sentia enorme dificuldade para aprender essa língua. Ver alguém da sua idade falando-a fluentemente a deixara de boca aberta. Ainda por cima, naquele dia, Miss Minchin desabafara sua raiva sobre ela, corrigindo-a na frente de todos:

— Que cara de boba é essa, Ermengarda? Tire os cotovelos da carteira e pare de puxar o cabelo! Está pensando em quê?

A garota ficou vermelha e Sara teve pena. Observou que sua lição de francês foi um desastre. A classe dava risada cada vez que ela cometia um erro, e o senhor Dufarge continha-se para não perder a paciência. Quando a aula acabou, Ermengarda escondeu-se no vão da janela e Sara foi até lá:

— Como você se chama? — perguntou, com delicadeza.

— Ermengarda Saint John — disse a outra, roxa de vergonha.

— Que nome bonito! O meu é Sara Crewe, muito prazer.

A gordinha olhou-a com grande respeito e admiração.

— Você fala francês de verdade, não é? Você é tão inteligente!

— Falo porque falaram comigo nessa língua desde que eu nasci — disse Sara, com ternura. — Se você estivesse no meu lugar, também falaria.

— Oh, não! Eu nunca conseguiria! — protestou a garota. — Eu não sou inteligente. Faço um esforço tremendo para aprender.

O problema era que Ermengarda tinha um pai culto, que conhecia oito idiomas e já havia lido milhões de livros. Tudo o que a filha fazia lhe parecia pouco. E a menina não era mesmo uma aluna das mais brilhantes.

— Você não quer conhecer a Emily? — convidou Sara, gentilmente.

— Quem é Emily?

— Venha ao meu quarto, que eu mostro — disse, puxando-a pela mão.

Subiram a escada de mãos dadas. Curiosa, Ermengarda quis saber se era verdade que Sara tinha uma sala só para ela.

— Sim, papai pediu esses aposentos a Miss Minchin porque, quando eu brinco, invento histórias em voz alta. Não gosto que ninguém fique escutando.

— Você inventa histórias?! Além de falar francês?!

— Qualquer um pode inventar histórias! — Sara riu. — Vamos, entre...

Ermengarda adorou o ar de mistério com que a menina empurrou a porta devagarinho, dizendo que iria surpreender Emily. Estava tudo arrumado. Junto da lareira, uma linda boneca segurava um livro nas mãos.

— Oh, ela voltou ao seu lugar antes de chegarmos! — exclamou Sara.

— Quer dizer que ela... anda?

— Eu acredito que sim — disse Sara. — Ou melhor: eu faço de conta que acredito que ela anda. Você nunca finge acreditar nas coisas?

— Eu? Não... Explique como é — disse Ermengarda, segurando Emily.

— Imaginar é tão fácil que, se você começar, não poderá mais parar!

Ermengarda estava fascinada. Nunca em sua penosa vida no colégio tivera uma tarde tão feliz. Sara contou-lhe histórias sobre a Índia. Mas o que mais a encantou foram suas fantasias a respeito dos brinquedos. Sara achava que as bonecas podiam falar, ouvir, andar, entender. E guardavam isso como um segredo. Quando uma pessoa se aproximava, elas voltavam a ficar imóveis.

— Talvez não seja verdade, mas eu finjo que acredito, e aí tudo vira verdade — explicou Sara, séria. — É uma espécie de poder mágico!

Ermengarda notou que, de repente, a nova amiga ficou tristonha.

— Você gosta muito do seu pai, Ermengarda?

Apanhada de surpresa, a menina não sabia o que dizer. Como contar que raramente via o pai e que não existia nenhuma intimidade entre eles?

— Bem, ele está sempre ocupado e...

— Pois eu adoro meu pai! Estou triste porque ele foi embora. Por isso é que gosto de inventar coisas e de fingir que acredito nelas. Mesmo que a gente não consiga esquecer as tristezas, fica mais fácil suportá-las.

Ermengarda ficou comovida e tomou as mãos de Sara nas suas:

— Lavínia e Jessie são melhores amigas uma da outra. Quer ser minha melhor amiga?

— Claro que quero! E prometo ajudá-la nas lições de francês!

A presença da novata provocou ciúmes em Lavínia, que, até a chegada de Sara, julgava-se a garota mais importante do colégio. Mas, aos poucos, Sara passou a liderar as colegas. Diferente de Lavínia, ela não impunha suas vontades nem vangloriava-se do que possuía. Ao contrário.

— Tive sorte, pois muitas coisas boas me aconteceram — costumava dizer.

— Não é mérito meu ter boa memória, gostar de ler e ter um pai que me dá tudo o que eu quero. Nunca sofri provações. Isso é pura sorte!

Com amabilidade e boas maneiras, Sara conquistou também as meninas menores, a quem sempre convidava para lancha no seu quarto e brincar com Emily. Um dia, viu Miss Amélia e Miss Minchin no corredor, tentando fazer Lottie se calar. A garota esperneava, deitada no chão e berrando:

— Vão as duas embora! Eu não tenho mãe! Quero minha mãe!

A mãe de Lottie Legh tinha morrido quando ela havia nascido. Inexperiente e jovem, o pai a criara com muitos mimos, como uma bonequinha de estimação.

No colégio, era comum Lottie gritar e espernear quando queria alguma coisa.

— Posso... tentar acalmá-la, Miss Minchin? — ofereceu-se Sara.

— Se conseguir... — respondeu a diretora, com aspereza. — Duvido que tenha mais sucesso do que nós.

Sara insistiu, e as duas irmãs se afastaram. Lottie continuava gritando:

— Quero minha mãe! Eu não tenho mãe!...

Sara sentou-se no chão ao lado dela e olhou-a compreensivamente.

— Eu também não tenho...

— Onde nossas mães estão? — Lottie surpreendeu-se e parou de chorar.

— No céu. Mas vêm sempre nos visitar, embora a gente não possa vê-las.

Talvez estejam aqui agora...

— Como é o céu? — indagou Lottie, aconchegando-se no colo de Sara.

Sara imaginou um país lindo, cheio de campos e flores. Começou a criar a mais linda história que já havia inventado. Lottie a ouvia, encantada.

— Quer ser minha mãe aqui no colégio, Sara? — pediu, por fim.

— Está bem. De agora em diante, vamos fingir que sou sua mãe adotiva, Lottie. E você já tem até uma irmãzinha: a Emily!

3. As histórias de Sara

Dois anos depois de chegar ao colégio de Miss Minchin, a ascendência de Sara sobre as colegas continuava cada vez mais forte. A atração que ela exercia não vinha de suas roupas e brinquedos luxuosos, mas de um dom que nascera com ela: sua incrível capacidade para inventar e contá-las.

Quando contava uma história — tanto as conhecidas como as inventadas na hora —, Sara interpretava os papéis de cada personagem e transportava a platéia para mundos encantados. Esquecida de que falava para outras crianças, vivia a vida dos reis e rainhas como se fossem reais.

Todos adoravam ouvir suas histórias, inclusive Becky, a pequena criada do colégio. Na primeira vez em que Sara reparou nela, Becky carregava um balde cheio de carvão. Pobremente vestida e com o rosto coberto de fuligem, a menina abaixou-se para reavivar o fogo da lareira. Sara notou que ela fazia o serviço devagar só para poder ouvir as aventuras do príncipe e da sereia.

— Essa empregadinha está escutando a história! — reclamou Lavínia. — Minha mãe não gostaria que eu ouvisse histórias junto com uma criada!

A garota fugiu, apavorada, e Sara sentiu a raiva subir-lhe à cabeça.

— Qual o problema, Lavínia? As histórias pertencem a todo mundo. De hoje em diante, vou chamar a Becky sempre que eu for contá-las.

As regras da escola, porém, eram rígidas: proibia-se terminantemente qualquer intimidade entre alunas e empregados. Conhecendo seu lugar, Becky esquivava-se toda vez que Sara tentava falar com ela. Sentia-se intimidada diante da princesinha, a quem admirava pela bondade e pela riqueza.

Uma noite, ao entrar no quarto, Sara teve uma surpresa: sentada em sua poltrona preferida, Becky dormia profundamente. Eram

tantos quartos para arrumar, que, cansada, caíra no sono. Sempre deixava os aposentos de Sara por último, para admirar os brinquedos, os livros, todas as maravilhas trazidas da Índia, e ter alguns momentos felizes antes de ir para a cama.

Vendo a criaturinha suja e malvestida dormindo em sua poltrona, Sara ficou contente. Observou-a e não pôde deixar de comparar: enquanto ela, Sara, vinha da aula de balé, usando sapatilhas de pelica e um traje de cetim rosa enfeitado com babados, a pobre Becky vestia um avental sujo e surrado para varrer, limpar, arrumar. E tinham a mesma idade: nove anos.

“Não vou chamá-la. Melhor esperar que desperte naturalmente”, pensou Sara. “Mas, se Miss Minchin a encontrar aqui, teremos problemas...”

Sem saber qual a melhor atitude, Sara sentou-se, olhando o fogo. Nessa hora, um tição se despreendeu dos outros e caiu no fundo da lareira, com um forte ruído. Becky abriu os olhos e levantou-se bruscamente, gaguejando:

— Senhorita, perdoe-me!.. Eu... não sei o que houve... Eu explico...

— Não precisa explicar nada — disse Sara, mansamente. — Você dormiu, é só. Imagino o quanto estava cansada, depois de trabalhar o dia todo. Aceita um pedaço de bolo?

A pobre Becky olhou-a, espantadíssima. Nunca em sua vida alguém lhe falara com tamanha delicadeza. Habituada a receber ordens e a ser tratada com grosseria, não podia acreditar que a menina rica e maravilhosa reconhecia seu direito de estar cansada, em vez de acusá-la ou ofendê-la.

— Quer dizer que a senhorita não vai contar a Miss Minchin?

— Claro que não. Sou uma menina igual a você. É um mero acaso que uma de nós tenha nascido rica, e a outra, pobre.

Os minutos que se seguiram pareceram a Becky um conto de fadas. Sara tirou do armário doces e bolos, serviu-a com fartura, contou-lhe histórias e deixou-a brincar com seus brinquedos. E disse que ela poderia voltar sempre.

— De hoje em diante, o balde de carvão ficará mais leve no meu braço e não ligarei para as broncas da cozinheira! — despediu-se

Becky, radiante.

Depois que ela saiu, Sara ficou pensando: “Se eu fosse uma princesa de verdade, faria tudo pelo meu povo. Mesmo sendo uma princesa de mentirinha, posso inventar coisas para agradar os outros. Becky ficou tão feliz como se eu tivesse lhe dado ricos presentes. Fortunas assim são fáceis de se oferecer”.

Pouco depois, o internato recebeu uma notícia empolgante. Numa carta para Sara, o capitão Crewe contava ter se associado a um amigo de infância para explorar jazidas de diamantes. Se tudo desse certo, eles ganhariam uma fabulosa fortuna. O assunto encantou as meninas, pois diamantes lembravam as histórias de As mil e uma noites. A única que torceu o nariz foi Lavínia.

— Não acredito nisso. Minha mãe tem um anel de diamantes, com pedras pequenas, que custou caríssimo! Imagine uma mina cheia deles! Sara vive imaginando coisas. Parece que se sente como uma princesa...

Jessie concordou com sua melhor amiga:

— É assim mesmo que Sara se sente. Mas ela diz que se sentir como uma princesa não tem nada a ver com o que você é por fora, e sim por dentro.

— Quer dizer que ela se sentiria uma princesa mesmo se fosse mendiga? Duvido! — debochou Lavínia. — Olhe, aí vem “Sua Alteza Real”!

Para provocá-la, Lavínia implicou com Lottie. A pequena levara um tombo e Sara prometeu contar uma história se ela parasse de chorar. Lavínia mandou Lottie calar a boca ou iria esbofeteá-la. Sara perdeu a paciência:

— Eu também gostaria de esbofetear você, Lavínia! — explodiu. — Mas não vou fazer isso, pois somos meninas educadas. Como imagino que sou uma princesa, posso me controlar e me portar como uma princesa.

— Não diga! Pois quando “Sua Alteza Real” subir ao trono, espero que não se esqueça de nós, pobres mortais... — replicou a colega.

Desde esse dia, as meninas que invejavam Sara passaram a chamá-la de “Princesa Sara”, em tom de deboche. As que gostavam dela usavam o mesmo apelido, porém com afeto e admiração. No

último grupo estava Becky, cuja amizade com Sara crescia e se fortalecia a cada dia. Ninguém desconfiava dos momentos deliciosos que passavam às escondidas no quarto de Sara, nem dos bolinhos e doces com que esta alimentava a amiga. Às vezes, Becky levava as guloseimas para comer em seu quarto, no sótão. Um dia, comentou:

— Preciso tomar cuidado para não atrair os ratos, senhorita.

— Ratos?! Há ratos lá em cima?! — Sara horrorizou-se.

— Muitos, senhorita. Mas a gente se acostuma com eles...

Pouco antes do seu aniversário de onze anos, Sara recebeu nova carta do pai, que a inquietou. As minas de diamante não estavam rendendo o esperado, ele adoecera gravemente e ardia em febre. Ainda assim, mandou Miss Minchin fazer para ela uma linda festa e comprar-lhe muitos presentes. Os preparativos duraram vários dias. O salão foi enfeitado com guirlandas de flores e um saboroso lanche foi encomendado. Entre os presentes que recebeu ao acordar naquela manhã, Sara comoveu-se especialmente com um porta-alfinetes feito à mão, dentro de um embrulho mal-amarrado. Logo desconfiou de quem era:

— Oh, Becky... — murmurou, emocionada. — Como eu gosto de você!

4. Triste festa de aniversário

A festa de Sara prometia ser a mais luxuosa que acontecera no internato.

Miss Minchin, usando seu melhor vestido de seda, conduziu a aniversariante pela mão até o salão. Atrás delas, um cortejo de empregados carregava pacotes imensos.

De touca branca e avental limpo, Becky trazia um deles. As meninas esperavam em fila, loucas para ver Sara desembulhar os presentes.

— O que está olhando, Becky? Ponha a caixa junto com as outras e suma daqui! — ralhou Miss Minchin. — Já esqueceu qual é o seu lugar?

Becky tratou de obedecer, correndo. Sara fez um pedido audacioso.

— Miss Minchin, será que ela... não poderia ficar?

A diretora do internato tirou os óculos e encarou a aniversariante com ar confuso. Não tinha entendido direito o que ela estava querendo.

— Becky?... Como assim, meu bem? Ela é uma criada, e você sabe que as empregadas não são meninas como as outras.

— Pois eu acho que Becky é exatamente igual a mim e que se divertiria na festa tanto quanto as outras — disse Sara, com firmeza. — Peço que a deixe ficar, Miss Minchin. Afinal, o aniversário é meu.

Sem ter como argumentar, a diretora respondeu friamente:

— Já que você insiste...

— Oh, senhorita, muito obrigada! — disse Becky, que acompanhara a conversa tremendo de medo. E, voltando-se para Miss Minchin, completou: — Obrigada também à senhora, por me deixar ficar.

— Mas é lá naquele canto, ouviu bem? Não se misture com as outras!

Becky ficou feliz do mesmo jeito. Pouco lhe importava onde estivesse, desde que pudesse ver Sara abrir os presentes. A diretora voltou a falar:

— Senhoritas, hoje nossa querida Sara completa onze anos. Muitas de vocês já festejaram o décimo primeiro aniversário, mas o de Sara é diferente. Ela vai herdar uma grande fortuna quando atingir a maioridade. A educação que está tendo neste internato a preparará para esse dia. Aluna brilhante em todas as matérias, Sara fala francês perfeitamente e dança como uma bailarina. Agradeçam sua generosidade ao convidá-las para esta festa de aniversário.

As alunas curvaram-se numa reverência e disseram em coro:

— Obrigada, Sara.

Encabulada diante do discurso e do agradecimento, a menina replicou:

— Eu é que agradeço por vocês estarem aqui. Do fundo do coração.

Miss Minchin deixou a sala e todas se precipitaram para os presentes.

Havia livros, roupas, um cofre de jóias e outra linda boneca, com um guarda-roupa ainda mais luxuoso que o de Emily. A invejosa Lavínia não se conteve:

— Vamos imaginar que a boneca está adorando ser admirada por nós. A princesa Sara adora imaginar coisas, não é?

— É verdade, tenho essa mania — disse Sara. — Quando a gente imagina uma coisa, acaba acreditando que ela aconteceu.

— Isso é fácil quando se tem um pai rico, que satisfaz todas as nossas vontades. Se você fosse uma mendiga, de que iria adiantar sua imaginação?

— Iria adiantar muito, sim, Lavínia. Se eu fosse pobre, teria ainda mais necessidade de imaginar, de sonhar com uma vida melhor.

Mais tarde, Sara se lembraria muitas vezes da coincidência de ter dito essas palavras naquele dia. Pois, pouco depois, Miss Amélia a chamou:

— O advogado de seu pai acaba de chegar, Sara. Leve suas amigas para lanche e depois venha à sala de Miss Minchin mostrar os presentes a ele.

O homem que estendeu a mão à diretora tinha a fisionomia preocupada e demonstrou visível desaprovação quando Miss Minchin começou a contar detalhes sobre as despesas que fizera para a festa da filha de seu cliente.

— Quanto dinheiro desperdiçado! — exclamou o Sr. Barrow, sacudindo a cabeça. — O capitão Crewe realmente era um esbanjador!

— Era?! — a diretora empalideceu. — Sr. Barrow, não estou entendendo...

— Vim informá-la de que o capitão Crewe faleceu de uma febre tropical, depois de sofrer um forte abalo por problemas financeiros — disse o advogado, sem rodeios. — As minas de diamantes... não tinham diamantes, Miss Minchin. O amigo de infância o levou à ruína. O capitão perdeu todo o seu dinheiro.

Miss Minchin soltou um gritinho e indagou, quase sem fôlego:

— O senhor está me dizendo que Sara não vai herdar coisa alguma? Que eu tenho nas costas uma mendiga, em vez de uma rica herdeira?

— Exatamente. Sara transformou-se numa mendiga, pois o pai morreu sem um tostão. Devendo, inclusive, meus honorários, senhora. Sinto dizer.

A indignação de Miss Minchin não tinha limites. Até então, imaginava que o homem estivesse ali para saldar as despesas que ela fizera, atendendo ao pedido do capitão. E aquela boneca enorme? E o guarda-roupa novo? E as comidas e bebidas que estavam sendo servidas? Quem pagaria por tudo?

— O prejuízo é seu, Miss Minchin. Não posso fazer nada. Só a senhora será responsável por Sara daqui para a frente. A menina não tem parentes.

— Se pensa que vai descartar-se dela em cima de mim, está enganado! — berrou a diretora, possessa. — Fui roubada, enganada, e a porei no olho da rua!

— Isso seria péssimo para a reputação do colégio... — replicou o homem, friamente, antes de sumir pela porta da rua, deixando-a paralisada de espanto.

A conversa alegre das meninas no salão ao lado, divertindo-se na festa, foi a gota d'água para a diretora. Ela chamou Miss Amélia e ordenou:

— Acabe com esse aniversário ridículo! Mande Sara Crewe vestir um traje preto e vir à minha sala. A vida dela vai mudar de hoje em diante. Não haverá mais luxos. Avise-a de que seu pai, o capitão Crewe, morreu.

A irmã da diretora cumpriu o encargo doloroso. Em pouco tempo, não havia mais vestígios da festa. Sara trancou-se em seus aposentos, soluçando:

— Meu pai morreu! Meu pai morreu!

Porém, quando entrou na sala de Miss Minchin, com Emily nos braços, enrolada numa flanela preta, seus olhos estavam completamente secos.

— Largue essa boneca! Não terá mais tempo para brincar. Como sou muito caridosa, decidi deixá-la trabalhar no colégio para sustentar-se.

— No que poderei ser útil? — perguntou Sara com dignidade. — Pode pegar tudo o que é meu, Miss Minchin, mas de Emily eu não abro mão.

— Pois fique com a boneca. Você vai dar aulas para as meninas menores e fazer tudo o que Becky faz. E então? Não vai me agradecer por ter um lar?

— A senhora não é caridosa e isto não é um lar.

Miss Minchin espumou de raiva. Se Sara tivesse se mostrado submissa, talvez seu coração se abrandasse. Mas, diante da atitude de princesa que ela mantinha, como se não soubesse que agora era pobre, gritou:

— Desocupe seu quarto já! Daqui para a frente, você dormirá no sótão!

5. Morando no Sótão

Abraçando fortemente Emily, Sara subiu dois lances de escada. Passou pelo quarto de Becky e entrou no seu, que ficava ao lado. Era um cômodo pequeno, com as paredes sujas e esburacadas, uma lareira que há muito tempo não era usada e uma cama velha, com o colchão duro e cobertas rasgadas. O teto era inclinado, pois o sótão espremia-se entre dois telhados. Na parte mais alta do teto havia uma clarabóia, que clareava um pouco o ambiente durante o dia e, à noite, deixava ver um quadrado de céu triste e cinzento.

— Senhorita... posso entrar? Quero continuar servindo-a, como antes.

Sara tentou sorrir diante do oferecimento de Becky, mas não conseguiu.

Comovida, não pôde conter as lágrimas. Soluçando, a menina desabafou:

— Eu não disse que éramos iguais, Becky?

— Não, senhorita. Aconteça o que for, sempre será uma princesinha!

Mesmo com o consolo de ter a amizade de Becky, a primeira noite no sótão foi terrível para Sara. Além de chorar a morte do pai, ela ressentiu-se da cama dura e do ambiente gelado, pois não havia lenha para a lareira. Passou a noite ouvindo os guinchos dos ratos andando sobre o assoalho. Na manhã seguinte, ao descer para o café, seu lugar estava ocupado por Lavínia.

— Você ficará na mesa das menores para ensiná-las a comer — ordenou secamente Miss Minchin. — E está atrasada! Becky desceu faz tempo. Ande logo, pois Lottie já derramou o leite na toalha.

Além de cuidar das pequenas e ajudá-las nas lições, Sara passou a fazer compras na rua, dar recados e atender às necessidades dos outros empregados.

Foi proibida de assistir às aulas, e só à noite, cansada, deixavam-na estudar sozinha, com uns livros velhos, na sala desocupada. As

antigas colegas evitavam-na.

Aos poucos, acostumaram-se a vê-la como mais uma criada.

Certa noite, ao subir ao sótão, Sara estranhou ver luz debaixo da porta.

Surpresa e amedrontada, deparou com Ermengarda, enrolada num cobertor, esperando por ela no tamborete velho que havia no quarto.

— Miss Minchin sabe que está aqui? Teremos problemas — disse Sara.

— Sara, por que não gosta mais de mim? — choramingou Ermengarda.

— Mas eu continuo gostando de você! — surpreendeu-se Sara. — É que as coisas mudaram... Pensei que você também tivesse mudado, como as outras...

— Eu?! — Ermengarda estava consternada. — Se pode viver sem mim, eu não posso viver sem você, Sara. Esta noite, enquanto chorava de saudades suas no meu quarto, decidi vir aqui suplicar pela sua amizade!

Sara não esperava por isso. Envergonhada, abraçou a amiga.

— Você é melhor do que eu, Ermengarda. Meu orgulho impediu que eu me aproximasse. As provações chegaram e descobri que não sou tão bondosa quanto pensava. Talvez por isso as provações me foram mandadas...

— Acha mesmo que pode viver aqui, Sara? — perguntou Ermengarda, examinando em detalhes a pobreza do quarto.

— Acho que sim. Se eu imaginar que tudo é diferente, quem sabe?

Sara ainda não havia imaginado nada. Teve a idéia naquela hora:

— Muita gente viveu em lugares piores, não é verdade? O Conde De Monte Cristo, preso no Castelo de If.. Os prisioneiros da Bastilha... É isso, Ermengarda! — Sara começou a se empolgar. — Sou prisioneira na Bastilha e Miss Minchin é meu carcereiro. E Becky... bem, é minha vizinha de cela! Vou imaginar essas histórias e isso será um consolo para mim!

— E à noite, quando eu vier aqui, vai me contar tudo o que inventou de dia, promete? — perguntou Ermengarda, contente

porque a amiga parecia ter voltado a ser a Sara de antes. — Continuamos a ser melhores amigas, então...

A segunda pessoa a se reaproximar de Sara foi Lottie. Pequena demais para entender a mudança radical que tinha acontecido, um dia ela cochichou no ouvido da amiga, durante a lição de francês:

— É verdade que ficou pobre, Sara? Igual a uma mendiga? Não quero!

— Mendigos não têm casa, e eu tenho uma, Lottie. Pare de falar, senão Miss Minchin vai nos dar uma bronca.

— Onde você dorme agora?

— Lá em cima, em outro quarto.

Como Sara não quis dizer onde dormia, Lottie decidiu descobrir sozinha o segredo. Uma tarde, subiu as escadas, viu uma porta entreaberta e encontrou sua mãe adotiva em cima da mesa, olhando para fora pela abertura do teto.

— Mamãe Sara, é aqui que você mora? — disse Lottie, fazendo beicinho.

Sara levou um tremendo susto. Se Miss Minchin pegasse Lottie ali, ela seria castigada severamente. Pediu à pequena para falar baixinho, pulou para o chão e carregou-a depressa no colo, tornando a subir com ela na mesa.

— É aqui, sim. Sabe que não é tão ruim? Olhe como o sótão é alto! Está vendo aquela janelinha ali em cima? Dá pra ver uma porção de coisas...

— Que coisas? — quis saber Lottie, interessada.

Sara mostrou-lhe as chaminés, a fumaça subindo para o céu e os outros telhados, com claraboias idênticas. Os pardais, saltitando de um lado a outro como se fossem gente. Lottie olhava tudo, encantada.

— Por que a janelinha do telhado ao lado está escura e fechada?

— Porque a casa está vazia, por enquanto. Gostaria que uma menina da minha idade viesse morar ali, para podermos conversar. Gostaria também de alimentar os pardais, mas não tenho nada para dar a eles.

— Sara, eu tenho! — exclamou Lottie, com um grito de alegria.

Tirando do bolso um pedaço de bolo, a pequena estendeu-o para os passarinhos. Sara assoviou baixinho, tentando atraí-los. Desconfiados, eles demoraram a aceitar as migalhas. Por fim, aproximaram-se e comeram.

— Seu quarto é lindo, Sara! — Lottie ficou eufórica. — Quero morar nele!

Quando conseguiu convencer Lottie a ir embora, Sara sentiu-se triste como um prisioneiro que volta sozinho à cela depois de receber visitas. Olhou ao redor.

O encanto tinha se quebrado. O quarto era frio; a cama, dura; as paredes, sujas.

Não dava para fingir que o sótão era um lugar interessante.

Foi quando um leve ruído chamou a atenção da garota. Farejando as migalhas do bolo de Lottie, caídas no assoalho, um rato esperava, sentado nas patas traseiras. Como os pardais, parecia temeroso de se aproximar. Por alguns minutos, a menina e o rato fitaram-se, imóveis. Sara pensou: “Ninguém gosta de ratos. Mas... que culpa ele tem de ter nascido rato? Talvez preferisse ser um pardal, mas a natureza não lhe deu essa escolha”.

Sentindo, talvez, que não havia perigo de ser atacado, o rato avançou e abocanhou as migalhas de bolo. Depois, correu para um buraco na parede.

— Vou batizá-lo de Melquisedec — disse Sara. — Volte quando quiser, Melquisedec! Leve um pedaço de bolo para sua mulher. Coitadinho, deve ter família para sustentar dentro dessa parede...

Parecendo ter entendido, o rato saiu de dentro do buraco, encarou-a com seus olhinhos cinzentos, abocanhou mais uma migalha e tornou a desaparecer.

6. O novo vizinho indiano

Na próxima vez em que visitou Sara, Ermengarda quase desmaiou ao ouvi-la falando com o ratinho como se ele fosse gente. O animal mostrava-se domesticado e a obedecia perfeitamente.

— Não tenha medo, ele é um bom chefe de família, só isso! — Sara riu.

Ouviram-se duas pancadas na parede e Ermengarda tornou a tremer.

— O que é isso, agora? Não me venha com novas surpresas!

Sara explicou que Becky e ela tinham criado um código para se comunicar.

Duas batidas secas significavam que estava tudo bem.

— A prisioneira da cela vizinha avisa que já vai dormir, Ermengarda.

— Você continua imaginando que mora na Bastilha, então?

— Sim, é o que faço quando me sinto solitária aqui dentro.

As visitas de Ermengarda e de Lottie eram raras, pois Miss Minchin as vigiava o tempo todo. Sara passava muitas horas sem falar com ninguém. No colégio era impossível conversar, e, quando a mandavam à rua, sentia-se ainda mais sozinha entre a multidão. As pessoas andavam, apressadas, sem reparar na menina carregando pesados pacotes e com os sapatos sujos de lama.

Sempre que saía, Sara lançava olhares furtivos para o interior das casas aquecidas e iluminadas, e gostava de imaginar o que acontecia ali dentro. Na praça onde ficava o colégio moravam várias famílias. A menina simpatizava especialmente com uma que ela havia batizado de "Grande Família": pai, mãe, avó e oito crianças, todos gordos e corados, parecendo unidos e felizes.

Uma noite, na época do Natal, Sara parou para admirar as crianças que, com belas roupas, atravessavam a calçada para subir na carruagem. Um dos meninos, de cabelos loiros encaracolados e

olhos azuis, olhou-a com pena. Sara usava um vestido surrado e carregava um cesto debaixo do braço.

— Tome, pobrezinha — disse ele, estendendo uma moeda de prata.

Sara ficou tão perturbada, que corou. Lembrou-se de que, no passado, ela também costumava dar moedas às crianças pobres na época do Natal. Sem saber o que fazer, exclamou, envergonhada:

— Oh, não, muito obrigada! Não posso aceitar!

O menino insistiu, com tanto carinho, que Sara não quis magoá-lo.

— Aceite, por favor. Compre alguma coisa para você comer...

— Obrigada. Você é um bom garoto — disse, guardando a moeda e se afastando depressa para não chorar na frente dele.

Dentro da carruagem, uma das garotas comentou com o irmão:

— Essa menina não é uma mendiga, Donald. Tem modos finos. Se fosse mendiga, teria dito: “Obrigada, meu pequeno senhor”.

Sara fez um buraco na moeda, enfiou uma fita e pendurou-a no pescoço.

Não sabia que, desde esse dia, os membros da “Grande Família” passaram a se interessar por ela tanto quanto ela por eles. Apelidaram-na de “a menina que não era mendiga” e compadeciam-se quando a viam sair na neve, malvestida, com os sapatos rotos, para fazer compras no mercado.

Foi um período extremamente difícil para Sara. Além do frio e da fome, ela sofria com as reprimendas constantes que lhe faziam no serviço. Chegou a revoltar-se contra Emily, que parecia insensível ao seu sofrimento. Depois, arrependida, pegou a boneca no colo e cobriu-a de beijos.

O que Sara tanto queria um dia aconteceu: um caminhão de mudança parou na frente da casa vizinha. Finalmente, haveria alguém no sótão ao lado do dela! O que a deixou ainda mais feliz foi que os móveis e objetos eram típicos da Índia: tapetes magníficos, biombos orientais, mesas esculpidas e um Buda dourado.

Sara sentiu nostalgia, lembrando-se de sua antiga casa.

À noite, animadíssima, Becky apareceu para comentar as novidades:

— É um senhor da Índia que virá morar ao lado, senhorita! E o pai da “Grande Família” é o procurador dele! Viu como ele atravessa a rua e entra na casa o tempo todo? Dizem que o indiano é rico e doente.

Uma semana depois, o novo vizinho desembarcou de uma carruagem, amparado pelo pai da “Grande Família” e por um enfermeiro uniformizado. Estava pálido e fraco. Foi levado com dificuldade para dentro da sala.

— O rosto dele é tão amarelo! Será que ele é chinês? — perguntou Lottie.

— Não, ele é indiano, Lottie. E está muito doente. Continue sua lição — disse Sara, louca para que a aula acabasse e ela pudesse espiar no sótão.

Por sorte, fazia um lindo pôr-do-sol. Sara olhou pela claraboia. Logo viu que não era a única a encantar-se com as nuvens douradas. Ouviu um barulho esquisito e, em seguida, uma cabeça e uns ombros largos surgiram no sótão da casa vizinha. Era um homem moreno, com um turbante branco.

— Um lascar! — exclamou, cheia de alegria.

O barulho que ouvira eram os gritos do macaquinho que o rapaz trazia sobre o ombro. Aproveitando a distração do dono, que presenteava Sara com um largo sorriso, o animal correu pela calha e entrou no seu quarto. Tentando lembrar algumas palavras em indiano, a menina perguntou ao novo vizinho:

— Posso tentar pegá-lo para você?

O rosto do lascar iluminou-se ao ouvir o idioma materno. Com uma mesura respeitosa, agradeceu e explicou que o macaco era arisco.

— Se a senhorita permitir, Ram Dass vai até aí buscá-lo.

Ágil como um acrobata de circo, o indiano atravessou a calha, pulou para o quarto de Sara, capturou o macaquinho e amarrou-o numa corrente. Depois cumprimentou a menina respeitosamente, à maneira de sua terra. Ela notou que o lascar havia reparado na

miséria do sótão. Tratou-o com amabilidade, como se fosse a filha de um Rajá.

Depois que Ram Dass saiu, Sara lembrou que, apesar da miséria atual, no passado fora rodeada por pessoas educadas como aquele indiano. O que o futuro lhe traria? Decerto Miss Minchin esperava que ela fosse sempre uma criada.

Mas, em seu íntimo, continuava a sentir-se como uma princesa.

No dia seguinte, essa idéia ocupava tanto sua cabeça, que se distraiu durante a aula das pequenas. Lembrou-se de reis que se disfarçaram de pobres. E se ela, Sara, fosse uma princesa disfarçada? Com que cara ficaria Miss Minchin quando descobrisse? Em seu rosto surgiu o sorriso confiante que a diretora tanto odiava. Ela avançou para Sara e deu-lhe uma bofetada.

Estática, a menina não reagiu. Para surpresa geral, continuou a sorrir.

— De que está rindo, atrevida? Peça desculpas, já! — gritou a diretora.

— Eu estava pensando que a senhora não sabe o que estava fazendo... E me perguntando o que acontecerá quando descobrir que...

— Como ousa me enfrentar? Quando eu descobrir o quê?...

— Que sou uma princesa e posso fazer e pensar tudo o que quero! Tudo!

As alunas arregalaram os olhos. Miss Minchin perdeu as estribeiras:

— Retire-se, atrevida! Suba para o seu quarto, imediatamente!

7. Onde está a filha do capitão Crewe?

No internato, todos comentavam sobre o cavalheiro chegado da Índia, que se mudara para a casa vizinha. Assim, Sara ficou sabendo que ele não era indiano, e sim inglês. Havia vivido muitos anos na Índia, onde sofrera terríveis infortúnios. Julgando-se arruinado com um negócio de minas de diamante, adoecera de uma febre cerebral que quase o tinha matado. Apesar de ter recuperado os bens e a honra, sua saúde parecia ter ficado prejudicada para sempre.

— Ele teve os mesmos reveses que meu pai! — disse Sara para si mesma.

Esse fato fez com que sentisse grande simpatia por ele. Quando saía à rua para fazer compras, dava uma espiada pela janela da casa e comovia-se ao vê-lo junto da lareira, coberto de agasalhos, com o olhar perdido nas chamas. Se não havia ninguém por perto, Sara apoiava-se nas grades e desejava-lhe boa sorte.

Talvez ele pudesse sentir, mesmo sem ouvir, seus bons pensamentos.

No entanto, uma coisa intrigava a menina: “Se ele recuperou a fortuna e sabe que há cura para a febre, por que tanta melancolia?” Sara começou a se convencer de que havia outro problema na vida do vizinho. Percebia que todos da “Grande Família” tentavam alegrá-lo. Quando as crianças o visitavam, Sara desejava estar junto, para poder dar um pouco de carinho ao homem solitário.

O que a menina não desconfiava era que ela própria muitas vezes fora tema de conversas entre a “Grande Família” e o vizinho. Ram Dass contara ao seu patrão sobre a fuga do macaquinho e descrevera a miséria e o abandono do sótão onde ela vivia. O Sr. Carrisford — esse era o nome do vizinho — tinha se impressionado ao saber das paredes esburacadas, da lareira sem carvão ou lenha e da cama dura e estreita. As crianças da “Grande Família”, por sua

vez, recordaram o episódio da moeda e o encontro com “a menina que não era mendiga”. Certo dia, o Sr. Carrisford perguntou ao pai delas, seu procurador:

— Meu caro Carmichael, quantos sótãos existem nesta cidade? Quantas meninas como essa trabalham e vivem miseravelmente? Eu me pergunto isso todas as noites, atormentado por gozar de uma fortuna que não é só minha...

— Não se angustie dessa maneira, meu amigo.

— Como posso viver com tal dúvida? Você acha que a pobre criança que procuro não estará passando pelas mesmas necessidades da nossa infeliz vizinha? Prometa que irá descobri-la o quanto antes para mim!

O Sr. Carmichael olhou-o, preocupado. Sabia que nada era mais funesto para a saúde do amigo do que aquela idéia que o torturava.

— Tranquelize-se, amigo. A menina que julgo ser a que procuramos não está em Londres, mas em Paris. Pelas informações que consegui, foi tirada do colégio de Madame Pascal e adotada por uma família rica.

— E nesse colégio não sabem dizer para onde levaram a criança?

— Só sabem que a família era russa. Talvez tenha voltado para sua terra.

O Sr. Carrisford não ficou satisfeito com a resposta.

— Por que você disse “a menina que julgo ser a que procuramos?” — insistiu. — Não é certeza que seja ela, então?

— Há uma dúvida. O sobrenome da menina adotada é “Carew” e não “Crewe”. Mas sabemos que os franceses pronunciam mal nossa língua. Pode ser que tenham se enganado, pois os outros dados coincidem: a menina é filha de um oficial inglês, que serviu na Índia. Sua mãe era francesa e faleceu cedo. Por isso o pai a colocou num colégio interno. Mais tarde ele morreu, arruinado.

— Está certo de que o capitão Crewe internou a filha na França?

— É um mero palpite. Como a mãe era francesa, imagino que sim.

— Carmichael, preciso encontrá-la! — disse o Sr. Carrisford, desanimado.

E pôs-se a repetir a história que já lhe contara muitas vezes. O sócio e ele contraíram a moléstia na época em que os negócios iam mal. Ele passou meses inconsciente, internado no hospital. Ao voltar a si, soube que o sócio havia morrido, e que as jazidas de diamante finalmente estavam produzindo. Resultado: ele se culpava pela morte do amigo e pelo abandono da menina.

— Nem sequer sei o nome dela, Carmichael! Lembro-me de que o pai a chamava de “minha princesinha”. Se ele disse qual era o colégio, não recordo mais. Tive uma longa amnésia e só aos poucos minha memória foi voltando.

— Se você quiser, irei a Moscou tirar a limpo essa história — prometeu o procurador. — Farei o possível para encontrar a filha do capitão Crewe.

Enquanto esse diálogo se passava na casa ao lado, Sara conversava com Melquisedec no sótão. O inverno estava muito rigoroso naquele ano e ela não aguentava mais andar nas ruas, cobertas de neve, sem agasalho adequado.

— Ah, Melquisedec, que saudades do papai! Há quanto tempo não o escuto dizer: “Minha princesinha!”

Becky sempre vinha lhe fazer companhia. Sara insistia com ela em que a melhor maneira de suportar as privações era brincar de faz-de-conta.

— Quando seu corpo está sofrendo, imagine uma coisa boa e pense nela firmemente. Isso ajuda a esquecer. É uma espécie de poder mágico, Becky.

Dias depois, Sara teve uma prova do seu poder mágico. Era uma tarde gelada e ela caminhava pelas ruas morta de fome, pois Miss Minchin a havia castigado, proibindo-a de jantar. “Não estou com frio nem com fome, pois tenho um casaco grosso e uma moeda para comprar seis pãezinhos”, pensou.

De repente, Sara olhou para o chão, e o que viu? Uma moeda brilhava no meio da lama. “Oh, aconteceu de verdade!”, alegrou-se.

Estava em frente da padaria. Na vitrine, uma bandeja cheia de pãezinhos recém-saídos do forno aguçou seu apetite. Decidiu entrar. Na porta, porém, deparou com uma criaturinha menor do

que ela, vestida em andrajos e com os pés descalços e sujos de lama. Parecia tão faminta, que Sara teve pena.

— Você está com fome? Quer comer uns pãezinhos? — perguntou.

A menina fez que sim com a cabeça, acrescentando que não comia nada desde a véspera. Olhando-a, Sara sentiu mais fome ainda, mas sua bondade foi mais forte. Calculou que a moeda daria para cinco pãezinhos e fez o pedido. A mulher percebeu o que se passava e colocou um a mais no pacote.

— O dinheiro só dá para cinco — disse Sara.

— Eu sei, mas tenho certeza de que vocês duas logo darão conta deles.

Acanhadíssima, Sara agradeceu e aceitou. Deu um pãozinho à menina, depois outro, e mais outro. Ficou com apenas um para si, deixando cinco para a pequena. “Sou uma princesa e não vou morrer de fome”, convenceu-se.

A dona da padaria observou a cena, espantada. Nunca em toda sua vida tinha visto uma criança com fome privar-se do alimento para dá-lo a alguém ainda mais faminto. Sara afastou-se e ela chamou a outra menina:

— Quando estiver com fome, venha aqui e peça o que quiser. De hoje em diante, vou distribuir pãezinhos em homenagem àquela bondosa garota.

Ao chegar à praça do colégio, Sara viu o pai da “Grande Família” se preparando para viajar. Levava uma mala, e um carro o esperava na porta.

— Será que em Moscou está nevando, papai? — quis saber um dos filhos.

Lembrando da cena da moeda, Sara afastou-se, envergonhada.

— Adeus, queridos, comportem-se! — recomendou o pai às crianças.

— Queira Deus que você ache a filha do capitão! — disse sua mulher.

8. Mágica no quarto encantado

Enquanto Sara esteve na rua, um fato extraordinário aconteceu no sótão.

Sua única testemunha foi Melquisedec. Dois homens vieram pelo telhado, abriram a claraboia por fora e pularam para dentro do quarto. Um era Ram Dass, criado do Sr. Carrisford. O outro também trabalhava para ele, mas como secretário.

Munido de uma caneta e um bloco de notas, o secretário ia fazendo o inventário de tudo o que havia no quarto, enquanto Ram Dass falava.

— Essa pequena é especial, Sahib. Eu a observo sem que ela me veja. À noite, subo no telhado para ver como ela está. A diretora do colégio não tem coração e a trata quase como escrava. Mas a menina tem a dignidade de uma princesa. Imagine que, na sua solidão, consegui domesticar um rato!

— Não há perigo de sermos surpreendidos, Ram Dass?

O lascar garantiu que não. Naquela hora a menina se demorava nas compras e poderiam agir à vontade. O secretário confirmou que o colchão era duro; o cobertor, rasgado; a lareira não era usada, sempre tomando notas.

— Que trabalho curioso nos encomendou o Sr. Carrisford, não é? Como foi que ele teve essa idéia? — perguntou o secretário.

Ram Dass inclinou-se com modéstia e explicou:

— Bem, quem a sugeriu fui eu. Gostei da menina assim que a vi. Depois, eu a ouvi conversar com as amigas. Ela descrevia em detalhes como poderia ser este quarto, se lhe dessem um mínimo de conforto. E só de imaginar como seria, já se sentia consolada. Conte o fato ao nosso patrão para distraí-lo, num dia em que estava muito triste. E ele resolveu realizar o sonho da garota.

— Acha mesmo que poderemos modificar o quarto enquanto ela dorme?

— Sem dúvida — garantiu Ram Dass. — Crianças que trabalham têm o sono pesado. Se alguém me der os objetos pela claraboia, arrumarei tudo em silêncio. Quando ela acordar, pensará que foi visitada por uma fada.

Sem desconfiar de nada, Sara chegou ao colégio e entregou as compras à cozinheira. Miss Minchin estava na cozinha e foi logo gritando:

— Demorou demais, Sara! E não me venha com desculpas idiotas...

De que adiantaria falar sobre a lama que havia nas ruas, obrigando-a a andar devagar? Sara achou melhor ficar quieta. Quando a diretora se afastou, pediu à cozinheira algo para comer. A mulher respondeu com maus modos:

— Tem pão dormido na despensa. E mais nada.

Levando um pedaço de pão duro e seco, Sara subiu as escadas.

Estava tão fraca que temia desmaiar antes do último degrau. Ermengarda a esperava para conversar. Mal trocaram duas palavras, estremeceram: alguém subia as escadas, aos gritos. Era Miss Minchin. Sara apagou a vela e ficaram imóveis.

— Você é uma ladra, Becky! Roubou os pastéis! — berrava a diretora, furiosa, arfando com o esforço que fazia para alcançar a criada.

Sara e Ermengarda escutaram Becky protestar, chorando:

— Não fui eu, senhora. Tenho fome, mas não peguei nenhum pastel.

Com alívio, notaram que Miss Minchin havia desistido de segui-la e tinha voltado ao térreo. Ouviram os passinhos de Becky e o ruído de seu corpo caindo na cama.

— Que injustiça! — gemeu Sara, indignada. — A cozinheira acusa Becky, mas é ela quem guarda as sobras para um amigo. A pobre Becky passa tanta fome, que chega a comer as cascas de frutas servidas na sobremesa.

Como se fosse ela própria a injustiçada, Sara começou a soluçar. Ermengarda ficou perplexa. Sara chorando? Será que a amiga também...?

— Sara, desculpe perguntar, mas... você também passa fome? Oh, Deus, como nunca pensei nisso antes? — reclinou-se. — Que estúpida eu sou!

Sara não aguentou. Sem levantar o rosto, soluçou ainda mais forte:

— Sim, muita! E minha fome é pior de suportar ouvindo Becky chorar...

Sem poder se perdoar por não ter suspeitado de nada, Ermengarda quis reparar sua falta imediatamente. Tinha ganho um pacote cheio de guloseimas e avisou que ia descer para buscá-lo, prometendo voltar em instantes. A simples menção de comida mudou o ânimo de Sara e ela exclamou, contente:

— Vamos imaginar que é uma festa, Ermengarda! A prisioneira da cela ao lado será nossa convidada. Vou bater na parede. A carcereira não ouvirá.

Em poucos minutos, o poder mágico fez milagres. A manta vermelha de Ermengarda virou uma toalha de mesa rendada, três lenços se transformaram em pratos, a guirlanda de um chapéu desbotado tornou-se um centro de mesa de cristal e alabastro, e um toco de vela passou a ser um castiçal de prata.

— Nem parece a cela da Bastilha! — exclamou Becky, maravilhada.

Sara lembrou que havia uns papéis na chaminé e resolveu queimá-los.

— Vamos imaginar que é uma cheirosa lenha de carvalho dos bosques!

Ermengarda voltou com o pacote de doces e as três sentaram-se.

— Bem-vindas, senhoritas. — disse Sara, assumindo o papel da princesa do castelo. — Tomemos lugar à mesa. Meu nobre pai partiu para a guerra e ordenou-me que as convidasse para esta recepção. Música, menestréis!

As garotas só tiveram tempo de levar à boca alguns biscoitos. Passos nervosos ressoaram na escada. Adivinharam que era o fim de tudo.

— É a patroa! — murmurou Becky, apavorada.

Miss Minchin abriu a porta com violência, lívida de raiva. Olhou os três rostinhos assustados, a mesa pronta para a festa, a lareira acesa, e explodiu:

— Lavínia estava certa! Não pensei que vocês tivessem tanta audácia!

Então a traidora tinha sido Lavínia... A diretora deu um tapa em Becky:

— Menina sem-vergonha! Amanhã mesmo deixará esta casa! E Sara está no lugar de honra, hein! Pois ficará dois dias sem almoçar nem jantar!

Ermengarda defendeu as amigas, dizendo que sua tia é quem havia lhe mandado os doces. Elas só estavam com fome! Ríspida, a diretora não aceitou a explicação e a mandou descer. Ficaria de castigo e seu pai seria avisado.

Becky escapuliu para seu quarto. Sara ficou sozinha, olhando o vazio. O sonho acabara. O sótão voltava a ser sótão. Abraçou Emily e deitou.

— Não há mais festa, Emily. Voltamos a ser prisioneiros da Bastilha — murmurou, sem forças, antes de adormecer. — Se houvesse um bom fogo na lareira... e uma poltrona confortável... e uma mesa com uma ceia gostosa... Se a cama fosse macia... com cobertores quentinhos... e um travesseiro de pena...

Quando despertou, Sara demorou a acreditar que estava acordada. Será que continuava dentro do sonho? Pois o sótão estava totalmente transformado!

— Becky, acorde! — Sara bateu na parede. — Isto é sonho ou é verdade?

As meninas apalparam tudo. A mesa estava posta, com pratos, talheres, um bule de chá fumegante, doces e salgados. As paredes haviam sido pintadas e decoradas. A cama macia tinha cobertores felpudos e lençóis de cetim. Na lareira, ardia um belo fogo. Roupões e chinelos de seda esperavam no pé de uma confortável poltrona. Havia livros e brinquedos por toda parte.

— Tudo é verdadeiro, Becky! — exclamou Sara, deslumbrada. — O poder mágico funcionou enquanto dormíamos e transformou este quarto!

9. Sara encontra seu protetor

O resto da noite foi uma verdadeira festa. As meninas levantaram as tampas das travessas e descobriram muito mais iguarias do que imaginavam. Havia sopa quente, sanduíches, carne assada e brioques. Becky ponderou:

— Não seria melhor a gente comer depressa, antes que tudo desapareça?

— Nada disso vai desaparecer, Becky — garantiu Sara. — É tudo verdade. Quase queimei a mão no fogo. E, agora, estou sentindo mesmo o gosto deste brioche. Nos sonhos, a gente só “faz de conta” que sente o gosto das coisas. Não sei quem fez esta mágica, mas certamente foi alguém real.

Sara teve essa certeza quando leu a dedicatória de um livro. Na primeira página, estava escrito: “Para a menina do sótão, lembrança de um amigo”.

Alimentadas e felizes, as duas foram para junto do fogo. Sara achou que o quarto podia muito bem ser dividido e convidou Becky para dormir ali. As cobertas eram suficientes para ambas. Becky aceitou, feliz da vida.

No dia seguinte, o colégio inteiro conhecia detalhes da primeira parte dos fatos da noite. As alunas comentavam que Sara Crewe caíra em desgraça, que Ermengarda estava sendo punida e que Becky seria mandada embora... bem, se Miss Minchin não precisasse tanto dela! Onde a diretora acharia outra criatura tão humilde para trabalhar por um salário tão pequeno, quase como escrava?

Pelo mesmo motivo, as colegas supunham que Sara seria poupada.

— Ela é tão inteligente e continua estudando tanto, que logo poderá dar aulas no colégio — disse Jessie a Lavínia. — Não achei certo você contar a Miss Minchin que elas se divertiam no sótão. Como ficou sabendo?

— A bobinha da Lottie me disse, sem querer. Era meu dever contar à diretora. O que não acho certo é a criada Sara andar com aquele ar superior!

— E se a mandassem embora, o que ela faria? — preocupou-se Jessie.

— Sei lá, e não me interessa! Quero ver como ficará agora, sem comer.

Tanto Lavínia quanto Miss Minchin esperavam ver no rosto de Sara o reflexo das humilhações da véspera. Qual não foi a surpresa ao deparar com a expressão radiante nos olhos da garota. E também nos de Becky.

— Lembre-se de que não poderá comer nada hoje, Sara.

— Sim, Miss Minchin, não esquecerei — disse a menina, com polidez.

Sara e Becky tinham combinado guardar segredo sobre a transformação do quarto. Claro que, se Ermengarda e Lottie subissem ao sótão, descobririam tudo.

Mas seriam tão vigiadas dali para a frente, que dificilmente iriam lá.

Sara se sentia tão feliz por saber que existia alguém no mundo que se preocupava com ela, que nem sentiu o dia passar. Voltou ao quarto, tarde da noite, com uma dúvida na cabeça: “E se Becky tiver razão e tudo tiver sido levado embora?” Porém, outra surpresa a aguardava. Nova ceia estava servida para duas pessoas, e outras peças tinham surgido: em lugar do tamborete havia dois pufes, além de almofadas, tapeçarias, um colchão e cobertas para Becky.

— De onde será que vem tudo isso, Sara?

— Já que não posso descobrir para agradecer, melhor aceitar o mistério.

O conforto e a comida que passaram a receber diariamente fez as duas recuperarem o peso e a cor das faces. Miss Amélia comentou com a irmã que Sara Crewe parecia muito bem-disposta. A diretora não se conformava.

— Essa criança quer me provocar! Qualquer outra teria sido subjugada pelas... mudanças a que tem sido submetida. Mas ela mantém a altivez!

Dias depois, chegaram ao internato vários embrulhos, com um cartão: “Para a menina do sótão, à direita”. Por coincidência, foi Sara quem abriu a porta. Ao ler o cartão, ficou paralisada. Miss Minchin ordenou:

— Leve logo os pacotes à menina a quem são destinados.

— A menina sou eu, Miss Minchin.

— Como é possível? Quem mandou? O que há dentro deles? Abra-os!

Sara obedeceu. À medida que os pacotes iam sendo abertos, o rosto da diretora se contraía numa careta de incredulidade. Havia roupas finas, um casaco quente, sapatos, um guarda-chuva e um lindo chapéu. Um bilhete dizia: “Usar diariamente. Tudo será renovado quando necessário”.

A interesseira Miss Minchin ficou com medo. E se Sara não fosse uma garota abandonada como parecia? E se tivesse um parente rico, um protetor?

Certamente ele não gostaria de saber como sua protegida estava sendo tratada.

— Bem, parece que há alguém velando por você — disse, embaraçada. — Pode usar as roupas e voltar a assistir às aulas. Não trabalhará hoje.

Quando Sara entrou na classe tão bem vestida, as colegas emudeceram.

Lavínia admirou o vestido de corte perfeito, os sapatos na moda e a fita que ela trazia no cabelo. Invejosa, comentou com Jessie, em tom de despeito:

— Será que a princesa recebeu alguma herança? Quem sabe as minas de diamante reapareceram...

À noite, de volta ao sótão, Sara ceou com Becky e ficou matutando. Se o protetor queria permanecer anônimo, seria indelicado tentar descobrir quem ele era. Mas gostaria tanto de lhe agradecer! Viu um estojo com caneta e papel de carta sobre a mesa e teve uma idéia: escrever-lhe um bilhete e deixá-lo no mesmo lugar. Sentou e escreveu: “Espero que não se aborreça ao receber estas linhas. Não tentarei saber sua identidade. Só quero agradecer sua bondade. Saiba que eu e Becky estamos gratas e

felizes. Muito obrigada pelas alegrias que tem nos proporcionado. A menina do sótão, à direita”.

No dia seguinte, a “Grande Família” estava na casa do Sr. Carrisford, tentando distraí-lo. O pobre homem sentia-se arrasado com a notícia que o Sr. Carmichael trouxera de Moscou: a menina adotada pela família rica não era a filha do capitão Crewe. Sem saber mais o que propor, o procurador falou:

— E se investigássemos nos internatos de Londres? Poderíamos começar por esse que fica ao lado... Afinal, não temos nada a perder.

No rosto do Sr. Carrisford surgiu um sorriso melancólico.

— É curioso: há nesse colégio uma menina que me interessa. Mas nem é aluna; é uma criada, magra e maltrapilha. Não poderia ser a herdeira Crewe.

Parecia até que o poder mágico de Sara começava a funcionar! Pois nessa hora Ram Dass entrou e se inclinou respeitosamente diante do patrão:

— Sahib, a menina de quem fala está aqui na porta. Veio devolver o macaquinho que tornou a fugir e se alojou em seu quarto ontem à noite.

— Que gentileza da parte dela... Faça-a entrar, Ram Dass.

O dono da casa olhou Sara com carinho e interesse. Pela primeira vez, via de perto sua protegida. Impressionou-se com a fina educação da menina.

— Acho lindos os seus móveis, senhor. Sabe, eu nasci na Índia...

— Você nasceu na Índia?! — perguntou o Sr. Carrisford, excitado.

— Sim, e moro no colégio de Miss Minchin. Antes era aluna, agora...

— Era aluna, você disse? Por que não é mais?

— Meu pai morreu, depois de perder sua fortuna. Tornei-me uma criada.

A cada revelação, o Sr. Carrisford tremia. A emoção era forte demais!

— Você sabe que tipo de negócio ele tinha? Como se chamava seu pai?

— Era sócio de uma mina de diamantes. Seu nome era Ralph Crewe.

Parecia que o Sr. Carrisford ia sofrer um ataque cardíaco! Seu rosto se contraiu e Ram Dass acudiu-o, derramando um remédio em seus lábios.

— Carmichael, achamos nossa menina! — murmurou, antes de desmaiar.

10. Uma verdadeira princesa

Ram Dass continuou ao lado do patrão, fazendo-o cheirar uns saís. Sara estava tão aturdida com a cena, que também sentiu uma tonteira.

— Por que ele disse “nossa menina”? Essa menina sou eu?

— Não se assuste — interveio o Sr. Carmichael, com ternura. — Carrisford era o amigo e sócio de seu pai. Há muitos anos a procuramos para entregar-lhe sua parte da fortuna, pois as minas de diamante agora rendem bastante.

As crianças da “Grande Família” cercaram Sara e puseram-se a contar em detalhes a história toda. O pequeno Donald beijou-a, contente:

— Se eu tivesse perguntado seu nome no dia em que lhe dei a moeda, você teria dito que era Sara Crewe, e papai a teria encontrado logo...

A mãe da “Grande Família” abraçou-a amorosamente:

— Por que essa carinha assustada, querida? Agora tudo está bem. Sabia que o amigo Carrisford já gostava de você mesmo antes de encontrá-la? Foi ele quem mandou Ram Dass subir no telhado e fazer-lhe aquelas surpresas!

Sara não podia acreditar no que ouvia! Então, o amigo de seu pai e seu misterioso protetor eram a mesma pessoa? O Sr. Carrisford voltou do desmaio e chamou-a para junto de si. Sara beijou aquela mão pálida muitas vezes.

— O senhor é o meu amigo mágico?! Oh, como estou contente!

Os olhos do homem encheram-se de lágrimas. Ainda alquebrado e com visíveis sinais da doença, ele abraçou a menina como se fosse seu pai. Até que enfim sentia o coração leve! Tinha achado a filha do amigo, ganhou alguém a quem se dedicar e que também se dedicaria a ele. Sua expressão já era outra, e ninguém naquela sala duvidava de que em breve ele seria o mesmo de antes.

— Vou informar Miss Minchin de que Sara não voltará ao internato — lembrou o Sr. Carmichael. — Ficaré morando aqui a partir de hoje.

Mas nem precisou ir até lá, pois Miss Minchin tocou a campainha nesse instante. Dando pela falta de Sara, soube que ela havia entrado na casa vizinha e foi buscá-la. Quando irrompeu na sala, a garota empalideceu, assustada.

— Lamento importuná-lo, Sr. Carrisford. Sou a diretora do colégio ao lado. — Virou-se para Sara e ordenou: — Volte imediatamente! Será castigada!

O tom com que ela falou despertou a cólera do dono da casa.

— A senhora é Miss Minchin? — indagou secamente. — Pois saiba que ela não irá mais para o internato. Meu caro Carmichael, explique-lhe, por favor.

À medida que o procurador resumia aquela história extraordinária, Miss Minchin arregalava os olhos. Então a fortuna de Sara tinha sido recuperada, e agora lhe escapava das mãos? Isso ela não ia permitir, de jeito nenhum!

— É comigo que Sara deve ficar até a maioridade! Foi a mim que seu pai a confiou! Se não fosse por minha caridade, teria morrido de fome na rua...

— Não teria sido mais triste do que morrer de fome no sótão, senhora — cortou o Sr. Carrisford. — Agora sou o tutor de Sara Crewe. Se ela desejar voltar ao colégio, não vou impedi-la. A decisão será dela, Miss Minchin.

Cega pela cobiça, a diretora não teve vergonha de falar para a menina:

— Sara, meu bem, posso não tê-la mimado, mas o capitão Crewe estava satisfeito com seus progressos nos estudos e... eu sempre gostei de você...

— Não volto para sua casa, e a senhora conhece muito bem as razões!

Miss Minchin ficou vermelha de raiva e respondeu com uma ameaça:

— Pois nunca mais verá Lottie, Ermengarda, nenhuma colega sua...

— Desculpe, mas ela verá quem quiser — disse Carrisford. — Duvido que alguém recuse um convite de Sara. Não existem princesas tão ricas quanto a menina que a senhora mantinha por caridade... — completou, com ironia.

Miss Minchin entendeu que tinha sido derrotada e voltou-se para sair:

— Sua tarefa não será fácil, cavalheiro! Vai ver como ela é falsa e mal-agradecida. Adeus, Sara! Deve estar se sentindo uma princesa de novo, não é?

— Por que “de novo”, Miss Minchin? Sempre me senti uma princesa. Graças a isso, pude sobreviver a todas as humilhações que me fez passar...

Naquela noite, quando as alunas estavam reunidas no salão, Ermengarda entrou com uma carta na mão e um sorriso de orelha a orelha. Lavínia pensou que fosse algo relacionado à briga que Miss Minchin tivera há pouco com a irmã. Elas haviam discutido feio, mas as meninas não sabiam por quê. A verdade é que Miss Amélia acusara a irmã de ser a culpada pela perda de Sara, chamando-a de desumana, dura e sem coração. Ermengarda explicou:

— É uma carta de Sara! As minas de diamante existiam mesmo!

— Carta de Sara?! Onde está ela agora?! Miss Minchin está sabendo?

— Provavelmente sim — disse Ermengarda, radiante. — Sara está na casa ao lado, com o Sr. Carrisford. Ele era o sócio do pai dela e agora é seu tutor.

O espanto das meninas era tão grande, que elas só faziam repetir:

— O sócio do pai morava na casa ao lado?! E ela ficou rica de novo?!

— Riquíssima, e não voltará aqui! Convidou-me para lanchar amanhã!

A única a ficar triste com a notícia foi Becky. Claro que ela se alegrava com o desfecho da história, mas sentia muito a falta que Sara iria lhe fazer.

— Tudo acabou. Agora estou sozinha pra valer — disse para si mesma.

Qual não foi a surpresa de Becky ao entrar no quarto de Sara! Pensava encontrá-lo vazio, mas, além da ceia posta para uma pessoa — ela! —, deparou com Ram Dass de pé num canto, trazendo um recado de sua nova patroa.

— A senhorita Sara contou ao Sr. Carrisford a sua história, e os dois querem convidá-la para morar com eles. Amanhã cedo virei buscá-la e levarei todos estes móveis embora. Bom apetite e durma bem.

Deslumbrada, Becky viu o lascar curvar-se respeitosamente para ela e desaparecer na claraboia. Logo entendeu que era ele o autor dos “milagres” que proporcionaram a ela e a Sara tantos momentos felizes.

Felicidade, aliás, era a palavra que mais se falava na casa ao lado e entre os membros da “Grande Família”. As crianças Carmichael não se cansavam de ouvir Sara recontar sua história com final feliz. O Sr. Carrisford pediu que ela o chamasse simplesmente de Tio Tom. E os dois ficaram muito amigos!

— Sabe, Tio Tom, para minha felicidade ser completa, tenho uma coisa a lhe pedir! — disse Sara, numa noite em que conversavam diante do fogo.

— Peça o que quiser, minha princesa. Aliás, basta mandar, que eu faço.

Sara lembrou-se de quando passava fome e da menina a quem dera um dia cinco pãezinhos. Queria voltar à padaria e pagar à proprietária o suficiente para ela alimentar no inverno todas as crianças pobres que passassem pela rua.

— É pra já, princesa Sara — respondeu Tio Tom. — Vamos agora mesmo pegar a carruagem e ir correndo até aquela padaria!

Roteiro de Leitura

1) Quem era Sara Crewe e por que seu pai a levou para um colégio interno?

2) Qual a primeira impressão que Sara teve de Miss Minchin, a diretora da escola? Essa impressão confirmou-se depois?

3) Sara foi criada na Índia. O que você sabe sobre a história e os costumes desse país? Pesquise sobre o assunto junto com seus colegas.

4) Por que Sara falava tão bem francês? Que argumento ela usou para consolar Ermengarda pela dificuldade que a colega tinha para aprender esse idioma?

5) Que papel tinha a boneca Emily na vida de Sara? Que fantasias a respeito dos brinquedos a menina desenvolveu? O que você acha dessas fantasias?

6) Sara explica a Ermengarda como funciona o jogo de faz-de-conta que ela pratica, usando a imaginação. Alguma vez você já fez isso? Se não, que tal imitá-la, criando uma história e "fazendo de conta" que acredita nela? Cada colega pode fazer o mesmo e, depois, cada um conta a experiência aos outros.

7) Como Sara conheceu e conquistou a pequena Lottie?

8) Quem era Lavínia e por que ela invejava Sara?

9) Qual a reação de Sara quando encontrou a criada Becky dormindo em sua poltrona preferida? Se acontecesse com você, agiria como ela? Por quê?

10) Por que Sara não se vangloriava de seus privilégios para as colegas? O que significava para ela ser princesa? Você concorda com a opinião da personagem?

11) Que reviravolta aconteceu na vida de Sara no seu aniversário de onze anos?

Qual a reação de Miss Minchin? Por que a diretora se irritou tanto com o jeito como Sara enfrentou as dificuldades?

12) Sara passou a viver no sótão junto com Becky e a trabalhar para sobreviver.

No que as histórias que ela inventava a ajudaram a suportar a nova realidade?

13) Reúna-se com seus colegas e conversem sobre o “poder mágico” em que Sara acredita. O que cada um pensa a respeito desse modo de encarar a vida?

14) Julgando que Sara era uma mendiga, um dos meninos ricos da “Grande Família” deu-lhe uma moeda na rua. Que sentimentos esse fato provocou nela?

15) Como Sara conheceu Ram Dass? O que sentiu quando viu um caminhão de mudança descarregando móveis da Índia na casa vizinha? Por que o dono da casa logo despertou sua simpatia?

16) Quem era o Sr. Carrisford e o que ele buscava? Que incumbência deu ao seu procurador, Sr. Carmichael? As investigações estavam na pista certa?

17) O que você achou do trecho em que Sara abriu mão dos pãezinhos para dá-los a uma criança mais faminta do que ela? Você faria a mesma coisa?

18) Como aconteceu a transformação do sótão e o que sentiram Sara e Becky quando a viram? Na sua opinião, o “poder mágico” teve algo a ver com isso?

19) Que coincidências fizeram o Sr. Carrisford descobrir que Sara e a filha de seu amigo, que ele tanto procurava, eram a mesma pessoa?

20) Você gostou do final da história? Tirou alguma lição dele? Qual foi?

Biografia Do Autor

A romancista anglo-americana Frances Elisa Hodgson Burnett nasceu em Manchester, Inglaterra, em 1849. Com a morte precoce do pai, foi educada com poucos recursos pela mãe. Em 1865, mudou-se com a mãe e os irmãos para os Estados Unidos, onde viveram numa fazenda no estado de Tennessee.

Nessa época, Frances começou a escrever contos e a publicá-los em revistas. Em 1875, casou-se com o Dr. Swan Burnett e acompanhou o marido na mudança para Washington. Lá, passou a escrever histórias infantis para a famosa revista St. Nicholas. Em seguida, livros de sucesso, como O Pequeno Lorde (1886), A Pequena Princesa (1905) e O Jardim Secreto (1909).

Frances Burnett teve o prazer de ver O Pequeno Lorde adaptado para o teatro e encenado enquanto ainda era viva. Suas histórias até hoje continuam agradando o público pela simplicidade, aliada ao estilo elegante e sentimental. É fácil encontrá-las no formato de peças e de filmes, algumas em vídeos.

A Pequena Princesa mantém semelhanças com a história de Cinderela.

Com a morte do pai, Sara Crewe perde a fortuna e transforma-se de herdeira mimada em uma pobre criada perseguida e humilhada. O modo como supera as dificuldades, usando a imaginação, encanta a todos os que acreditam no poder das histórias como fonte transformadora da vida.

Frances H. Burnett faleceu no Tennessee, Estados Unidos, em 1924.

Table of Contents

- [1. Chegada ao colégio interno](#)
- [2. Amizades no internato](#)
- [3. As histórias de Sara](#)
- [4. Triste festa de aniversário](#)
- [5. Morando no Sótão](#)
- [6. O novo vizinho indiano](#)
- [7. Onde está a filha do capitão Crewe?](#)
- [8. Mágica no quarto encantado](#)
- [9. Sara encontra seu protetor](#)
- [10. Uma verdadeira princesa](#)